

O ENSINO MÉDIO INTEGRADO PROFISSIONALIZANTE: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA GEOGRAFIA E SUA RELAÇÃO COM O CURSO DE ESTÉTICA

Francisca Mairla Gomes Brasileiro*
Claudio Luís Gomes Pereira**

RESUMO

O presente relato versa a respeito do ensino médio profissionalizante e do espaço dado à disciplina Geografia nessa modalidade de educação, apresentando uma experiência de estágio com pesquisa no curso de Estética em uma Escola Estadual de Educação Profissional, localizada na cidade de Fortaleza - CE. No trabalho realizamos uma retrospectiva da história da educação profissional, desde seus primórdios até a mesma ganhar a estrutura atual. Identificamos ainda as características do ensino médio integrado, que visa formar o aluno para o mundo do trabalho e também para o ingresso no ensino superior. Notamos que esta modalidade de educação segue a perspectiva do sistema econômico vigente, agindo de acordo com os propósitos estabelecidos. Ressaltamos que o modelo de escola se configura como positiva, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. O ensino de Geografia é vinculado a uma perspectiva tradicional, porém, pontuamos que tem uma dinamicidade e que provoca nos alunos o interesse, apesar da dificuldade em assimilação. A partir destes pressupostos encaminhamos uma atividade de intervenção que perpassava a articulação das discussões no campo da estética e como esta se insere na discussão geográfica, trabalhando com os alunos a noção de beleza, o que para eles era feio e bonito, relacionando esta perspectiva com o sistema econômico vigente. Desta forma podemos inferir, que de fato, as/os alunas/os perceberam que a geografia pode contribuir para discussões que são pertinentes ao curso de estética, além de possibilitar o diálogo, ação verificada a partir do acaloramento das discussões e pronunciamento de pessoas que nas aulas habituais não dialogavam.

Palavras-chave: Educação Profissional. Ensino Médio. Geografia e Estética. Formação. Percepções

* Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Mestranda em Geografia - UFC. E-mail: mairlagomesgeoufc@gmail.com

** Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: pereiraclg@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A instituição escola tem a função social de formação de indivíduos que coabitão a nossa sociedade e essa função deve ser levada a sério, tendo em vista que boa parte da vida de uma pessoa é vivida no ambiente escolar. Este ambiente não deve ser somente um espaço onde aprendemos conhecimentos desconexos que não se relacionam com nossa vivência, mas deve ser um ambiente onde possamos desenvolver nossa criticidade e aprender a expor nossa visão sobre o mundo. Este modelo de escola não é utópico, é possível de se tornar realidade, basta que os diversos agentes inseridos no processo caminhem nesta direção.

A geografia escolar vivenciada no ensino médio, assim como no fundamental, infelizmente não abrange a complexidade do mundo, permanece como um almanaque de conceitos a serem assimilados. Mas de quem é a culpa? Essa pergunta é provavelmente a mais complicada de ser respondida e acreditamos que definitivamente não podemos atribuir esse fardo ao professor de Geografia. Se observarmos nosso quadro atual, todo ensino é voltado para a realização de concursos que aprovam ou reprovam o aluno e essa dinâmica que foi estabelecida faz com que se perpetue a imagem de uma geografia decorativa, que não serve em nada para pensar nossa sociedade, aliás, esse assunto não compõe as questões instituídas pelos vários concursos.

Neste contexto apresentamos o ensino profissionalizante que objetiva inserir o aluno no mercado de trabalho, é uma formação para o mundo do trabalho. Mas não conseguimos observar ligações diretas entre o ensino médio e o curso técnico realizado pelos alunos, aparentemente são coisas distintas, seja pelo distanciamento entre os assuntos, seja por opção.

Desta forma, realizamos a presente pesquisa nesta modalidade de ensino, concomitante ao desenvolvimento do estágio curricular, para assim entender melhor as nuances que permeiam essa temática. Para a atividade de pesquisa, durante as observações definimos algumas questões que norteariam nossa prática, tais como: Que geografia estava presente no ensino profissional? Qual o espaço que esta disciplina ocupava dentro do ensino médio integrado? E qual a relação da geografia com o curso profissionalizante específico? Paralelo a essas questões tidas como norte, observamos também: quais os desafios enfrentados por professores e alunos? Como eles vêem a Geografia? Como funciona esta modalidade de ensino e qual sua função?

Nesta perspectiva, objetivamos realizar uma pesquisa em uma modalidade de educação diferencial para conhecer experiências didáticas e pedagógicas desenvolvidas no processo de aprendizagem e ensino da Geografia escolar.

2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se qualifica como um estudo de caso intrínseco, onde tratamos de uma só realidade, exaustivamente, em busca de novos elementos que possam explicar o objeto de estudo. Também se utiliza o método indutivo que se caracteriza como uma ferramenta que conduz o pesquisador a observar a realidade e a partir deste ponto tirar suas conclusões. Desta forma, com um planejamento estruturado para coleta de dados, foram realizadas observações diretas da prática em sala de aula, da estrutura física e material da escola, da estrutura pedagógica e, além disso, da formação do professor de geografia.

As técnicas utilizadas para levantar dados e informações necessárias, foram rodas de conversa e aplicação de questionários com alunos, para que eles expusessem seus pontos de vista em torno do ensino, da estrutura da escola etc. e entrevistas com o professor e com o coordenador pedagógico. Como forma de registro foram utilizados câmera de celular, caderno de anotações e questionários. Também houve análise da documentação indireta, pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, para que realizássemos uma leitura dos autores que ao longo do tempo vêm trabalhando na perspectiva de entender o ensino de geografia e como este se insere dentro da perspectiva da educação profissional.

O objeto de estudo foi escolhido para a realização da pesquisa por compor uma modalidade de ensino que está crescendo no âmbito estadual, sendo necessário que os alunos do curso de licenciatura em Geografia se debrucem para estudar as características e a forma de ensino ministrada nestas instituições de educação profissional de nível médio onde também é ministrada da disciplina Geografia e, assim, tais instituições educacionais constituem também o campo de atuação profissional do professor geógrafo.

3 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NESTA MODALIDADE DE ENSINO

3.1 Estágio-pesquisa e formação profissional

O estágio constitui-se de um momento ímpar na formação do licenciando, visto que a partir da vivência ele poderá correlacionar toda a teoria vista em sala de aula com sua prática. Desta forma é um primeiro passo dado em relação ao futuro campo de trabalho. Todas as relações vivenciadas dentro do estágio proporcionam uma abertura para que o estagiário conheça a escola e seu espaço, as relações hierárquicas, possa vivenciar as problemáticas e

alerta-se para a construção de melhorias, dialogando sempre com o professor supervisor do estágio na escola.

Concordamos com Passini (2010) quando ela retrata que o estágio curricular é significativo nos cursos de licenciatura e que este não deve ser realizado somente como parte do cumprimento da matriz curricular, mas sim contextualizado e comprometido com a transformação social, unindo formação profissional e pessoal, responsabilidade individual e social, pois se negarmos essa dimensão do estágio e realiza-lo sem os necessários empenho e compromisso com a própria formação, o sentido do estágio desaparece e sua realização não produz transformações formativas. Estando presente em todos os cursos de licenciatura, o estágio curricular supervisionado deve ser vislumbrado como a instrumentalização fundamental no processo de formação profissional de professores.

Neste âmbito de formação docente surge o estágio-pesquisa, que se apresenta como uma possibilidade de transformar uma simples observação aparente em algo mais reflexivo, que exija do aluno-estagiário uma análise crítica do ambiente e de suas ações. Segundo Lima (2012), o estágio como pesquisa tem suas bases na práxis e considera suas atividades no exercício da relação teórico-prática, ou seja, num exercício onde a teoria é inerente à prática. O estágio que tem a pesquisa como eixo tem a reflexão sistemática em sua prática.

Segundo Pimenta (2009) o estágio curricular é um campo de conhecimento, um espaço de aprendizagem da profissão na formação inicial, para quem ainda não é docente, e formação continuada, para quem já atua no magistério.

A partir destas considerações podemos inferir que o estágio é imprescindível na formação de qualquer futuro professor e a possibilidade de adentrar no ambiente escolar tendo como perspectiva a pesquisa acrescenta na prática de estágio algo novo e construtivo, possibilitando ir além das observações e constatações imediatas do que e como ocorre no ambiente escolar e problematizar, analisar, fundamentar teoricamente e propor soluções para questões que emergem da prática no ensino da disciplina e no exercício da profissão docente.

Dessa forma, o estágio na perspectiva de pesquisa assume grande relevância nos cursos de formação docente e na prática pedagógica associado à concepção de professores crítico-reflexivos, favorecendo a prática pedagógica orientada pela reflexão teórico-crítica, pois a pesquisa pode ser considerada um processo aglutinador, integrador, articulador da prática com a reflexão crítica e teórica sobre a mesma, não se reduzindo a um mero desdobramento de qualquer prática (PONTUSCHKA, PAGANELI e CACETE, 2009). Nesse sentido, pontuamos a importância desse tipo de estágio em uma modalidade de ensino diferenciada, no caso, a educação profissionalizante, tendo em vista a vastidão de

possibilidades apresentada para o professor em formação que, ao adentrar em uma modalidade de ensino diferenciada da regular, poderá se aperfeiçoar para as diversas realidades em que poderá atuar profissionalmente, além de pensar a respeito dos desafios e das contribuições desta forma de ensino para a melhoria do sistema educacional.

3.2 Evolução da Educação Profissional e Ensino Médio integrado

A educação profissional não é uma invenção recente. Segundo os estudos de Santos (2012), a perspectiva de instrumentação da população para o trabalho advém desde a colonização, onde tínhamos aprendizes de ofícios, índios e negros sendo orientados a partir de ensinamentos manuais. Em 1800 eram adotados modelos de aprendizagem dos ofícios manufatureiros, modelos estes voltados para a classe menos abastada e o objetivo era melhorar a condição socioeconômica desta população. Mas esta modalidade de ensino vai ganhar espaço a partir da contribuição do governador do Rio de Janeiro, Nilo Peçanha, que instituirá quatro escolas profissionais, sendo que destas uma era voltada ao ensino agrícola. Em 1909, com o decreto de N. 7566, datado de 23 de setembro deste mesmo ano, são criadas dezenove escolas de aprendizes de artífices, voltadas ao ensino público gratuito e profissional e que objetivava preparar a população para a inserção no processo industrial, não tendo uma perspectiva emancipatória e, na verdade, o objetivo era conter as massas e habituá-las à prática de algumas atividades.

Esse mesmo autor ressalta a importância da constituição de 1937, outorgada pelo então presidente da república Getúlio Vargas, que atribuía ao estado a responsabilidade de oferecer às classes mais pobres o ensino profissional, industrial e técnico de forma gratuita, visando a inserção desta classe no mercado de trabalho. Neste mesmo ano criam-se os liceus voltados ao ensino profissional de todos os ramos. Em 1941 ocorre a reforma de Capanema que institui que o ensino profissional deveria ser de nível médio, sendo que o ingresso dos alunos se dava por meio de concursos, contendo duas fases: o básico industrial e o técnico industrial. Em 1942 criam-se escolas industriais e técnicas, que pretendiam instituir a educação profissional de nível correspondente ao secundário e que possibilitava o ingresso no ensino superior. Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) torna compulsório todo o currículo do 2º grau como técnico-profissional, dando profissionalização obrigatória a todos que concluíssem esta etapa. Esta modalidade surge no sentido de acabar com a dualidade vista no âmbito da educação entre o regular e o técnico, mas ela não durará por muito tempo. Primeiramente pelo fato de as escolas particulares não aderirem a essa

obrigatoriedade do ensino profissionalizante; em segundo, pela falta de investimentos na formação de profissionais habilitados para esta modalidade de ensino e; em último; pela escassez de infraestrutura das escolas para receber este tipo de ensino.

Em 1978 ocorre à transformação de algumas escolas técnicas em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET) e nascem neste contexto os CEFET's, que objetivavam um ensino menos elitista, recebendo alunos advindos tanto da classe média como da classe baixa, sendo o ensino nestes estabelecimentos de elevada qualidade. Em 1994, o Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP) e as ações decorrentes dele, instituíram reformas na educação profissional, separando o ensino médio e o ensino técnico profissionalizante, com matrículas próprias para cada modalidade e a exigência de se cursar o ensino (SANTOS, 2012).

Atualmente tem-se o ensino médio integrado. Nesta modalidade o ensino médio é integrado ao curso técnico específico, constituindo uma única matrícula e o indivíduo já sai da escola com certificado tanto de curso técnico para atuar no mercado de trabalho como de nível médio para ingressar em curso de nível superior. No estado do Ceará, observamos que esta modalidade está em constante crescimento, tanto no âmbito de instituições estaduais como federais, surgindo em 2008 as primeiras escolas profissionalizantes. No ano de 2009, novas escolas são instituídas, funcionando, como as anteriores, em prédios antigos que adaptados para as necessidades deste tipo de instituição. Do ano de 2010 até os dias atuais, podemos perceber um crescimento elevado destas instituições, agora instaladas em prédios construídos especificamente para as mesmas e com uma distribuição espacial relevante, abarcando tanto a capital do Estado, Fortaleza, e a sua região metropolitana quanto as regiões mais interioranas.

4 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E PESQUISA: ALGUNS PARÂMETROS OBSERVADOS

4.1 O ensino de Geografia

No curso profissionalizante de Estética no qual realizamos o estágio-pesquisa também observamos o ensino de geografia que, infelizmente, não foge à realidade geral apresentada em estudos sobre da disciplina no país. Este se dá de maneira fragmentada e sem uma ordem articulada que possibilite a compreensão dos processos. Por exemplo, conteúdos como “solos e processos de erosão” ministrados antes de “clima”. Deste modo, fixa-se a aprendizagem no resultado final como definições, ou seja, não se aprende o processo e os conceitos, apenas se

decora uma definição dada. Por conta disto, podemos observar quão limitado torna-se o conhecimento geográfico quando, por exemplo, ao se estudar “os processos de erosão” e se pergunta aos alunos sobre o que é uma ravina, a resposta geralmente é: “Ravina é um fenômeno geológico que consiste na formação de grandes buracos no solo”. Caso seja pedido para se explicar como ocorre a formação da ravina, geralmente o silêncio é a resposta, ou alguns até respondem “é pela chuva”, mas não conseguem explicar como a chuva cava o solo.

Outro fator que toma grandes proporções é o fato de o livro didático utilizado em sala de aula apresentar exemplos de realidades longínquas, causando certo desestímulo aos educandos tendo em vista que, muitas vezes, não conseguem enxergar a materialidade do que é ensinado.

No entanto, não são apenas coisas ruins que se observaram em sala de aula. Um fato positivo é o grande número de recursos didáticos utilizados e, todos os dias, podiam-se ver vídeos, músicas, slides, imagens de satélite, entre outros.

A utilização dessas novas tecnologias em sala de aula colabora com a fixação do conteúdo proposto pelo livro didático, além de expandir e facilitar o acesso às novas informações provenientes dos mais diversos lugares do mundo tanto pelo professor como pelos alunos.

Estes são frequentemente estimulados à pesquisa através de seminários e produção de material como vídeos, cartazes e resenhas, que são corriqueiras, o que os leva a expandir seus conhecimentos através do contato com outras fontes de pesquisa. Este tipo de atividade merece destaque tendo em vista que, atualmente podemos observar as novas tecnologias adentrando cada vez mais com ímpeto no ambiente escolar e no cotidiano dos alunos. Estes que são “bombardeados” por uma tão grande quantidade de informação que muitas vezes não conseguem selecionar o que é transmitido.

Segundo Santos (2010, p. 38), “o que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde”. Podemos perceber que, mesmo com uma grande quantidade de conhecimento/informação disponível isso não obrigatoriamente levará o aluno a se tornar um cidadão, principalmente no nosso período histórico com a inversão de valores presentes na sociedade.

Com esta grande quantidade de informação disponível em todo o tempo e em qualquer lugar, o espaço escolar passa a ser visto aos poucos como o lugar do saber e passa a ser um local de passagem do aluno. Assim, é necessário trazer estes conhecimentos para a escola para que possam ser analisados, discutidos, desconstruídos ou exaltados, com o fim de formar cidadãos críticos acerca de diversos assuntos de relevância social.

Observa-se que o ensino de geografia segue um modelo tradicional de aula, mas que apresenta inúmeras possibilidades a partir do momento em que se estimula a pesquisa e a aplicação desta em sala de aula.

4.2 O aluno e sua relação com o ensino

A turma do curso de Estética com a qual trabalhamos no estágio-pesquisa estava constantemente agitada. Os alunos, o tempo todo, demonstravam um grande desinteresse pelas aulas de geografia. Quando perguntado em particular quais os motivos de tamanha agitação e desinteresse, as respostas mais comuns foram: “os temas das aulas” (voltados para a geografia física e com pouca abertura para o debate) e “há outras matérias mais importantes para serem estudadas”, entre outros fatores que deixam a turma em um clima de agitação e desconcentração durante as aulas.

No entanto, mesmo com algumas dificuldades em sala de aula, o professor consegue reger de maneira a gerar um ensino regular. Pode-se dizer que grande parte do sucesso das aulas, mesmo em um ambiente muitas vezes de agitação e desconcentração, deve-se às diversas formas encontradas pelo professor de passar o assunto. Ele se valia de diversas técnicas para fazer sempre as aulas diferentes e assim mais chamativas.

O esforço do docente é reconhecido pelos alunos que em geral gostam da aula e do professor, o que se observou nos contatos pelos corredores e as conversas paralelas em sala de aula ou nos intervalos. No entanto, mesmo com grande esforço, nem sempre as aulas apresentavam um grande aproveitamento.

Assim, acaba-se recorrendo a “resumos salvadores” dados em forma de revisão nas vésperas das provas e que recebem maior atenção por parte dos alunos. Estes, em um primeiro momento, procuram memorizar os processos sem mesmo compreendê-los e depois, quando não obtêm sucesso com a primeira memorização, concentram-se na memorização dos resumos e apresentam-se diante dos testes com respostas prontas e um conhecimento bastante limitado.

5 GEOGRAFIA E ESTÉTICA EM SALA DE AULA

Para aqueles que almejam um ensino interdisciplinar, nada mais comum do que esperar que uma escola de ensino profissional, cujos alunos fazem o ensino médio integrado a

um curso técnico, tenha o ensino de suas disciplinas sistematizado de maneira integrada no currículo para formar profissionais melhores.

No entanto, tal perspectiva é frustrada à medida que se conhece a escola e sua maneira de se organizar, com as fronteiras rígidas e bem claras entre disciplinas e áreas. Este fenômeno ocorre internamente nas duas bases curriculares (técnica e ensino médio), mas estas fronteiras se cerram com maior vigor entre essas duas bases do currículo no ensino médio integrado com educação profissional.

Com conhecimentos pouco articulados em sala de aula, é compreensível que os alunos apresentem dificuldades em ambas as bases do currículo tendo em vista a quantidade de conteúdo repassado todos os dias.

No que toca à geografia, é visível a falta de compreensão dos alunos de como trazer a mesma para o cotidiano e/ou utilizá-la em outras matérias. Foi neste contexto de pouca aplicabilidade da geografia e de pouca articulação interdisciplinar entre áreas e disciplinas do currículo que surgiram as propostas de intervenção narradas na sequência e que visaram levar a geografia para o cotidiano dos futuros técnicos em Estética.

5.1 A escola no contexto da produção capitalista do espaço

Em uma visão geral, segundo Althusser (1970) a ideologia é constituída por aquelas crenças que nos levam a aceitar as estruturas sociais (capitalistas) existentes como boas e desejáveis.

Na obra intitulada “A escola capitalista na América”, Bowles e Gintis (*apud* Silva, 1999) introduziram o conceito de correspondência nos estudos pedagógicos, enfatizando a aprendizagem através da vivência das relações sociais na escola. Deste modo, é necessário ensinar a obediência, a assiduidade, a pontualidade, entre outras características necessárias para a formação de uma classe trabalhadora pronta para suprir a mão de obra necessária ao mercado capitalista.

Neste contexto de escola voltada para o mundo do trabalho é que estão inseridas as escolas profissionalizantes, que se apresentam como uma oportunidade de ascensão social ao passo que inserem o indivíduo no mundo do trabalho. No entanto, tal movimento de educação voltada para a reprodução do capitalismo acaba transformando o conhecimento em uma moeda de troca (capital cultural) que serve apenas para reproduzir o modelo capitalista, como nos afirma Bourdie e Passeron (*apud* Silva, 1999), sendo que a dinâmica da reprodução social está centrada no processo de reprodução cultural. É através da reprodução da cultura

dominante que a reprodução mais ampla da sociedade fica garantida, negando-se uma educação emancipadora.

5.2 Pesquisa com os alunos

5.2.1 Primeiro questionário

Primeiramente foi aplicado um questionário socioeconômico com os alunos, que teve como amostra 24 discentes.

A primeira pergunta do questionário dizia respeito à renda, onde ficou constatado que quase 50% dos entrevistados têm uma renda familiar de um salário mínimo, sendo que os demais têm renda familiar de dois salários mínimos ou mais, conforme apresentado no gráfico a seguir (Figura 1).

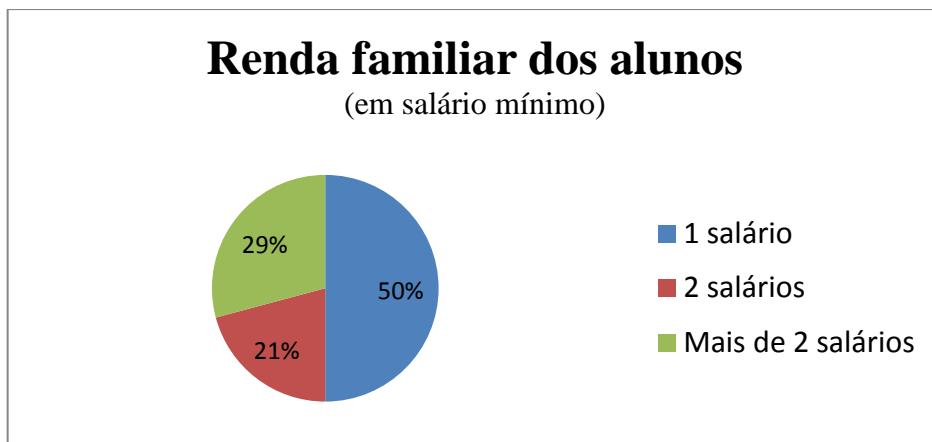


Figura 1: Gráfico de distribuição da renda familiar dos alunos entrevistados. Fonte: pesquisa de campo dos autores.

A segunda pergunta questionava o que eles achavam da escola, considerada *boa* ou *ótima* para a grande maioria dos alunos, sem nenhuma indicação de *ruim* (Figura 2).

No questionário os alunos também expressaram que o professor de Geografia era um excelente profissional e, como contribuição, alguns pontuaram também que as aulas poderiam ser mais explicativas, menos cansativas, com mais entrosamento na relação professor e aluno e que deveria haver mais interesse por parte da turma, mas, de forma geral, a avaliação do professor foi positiva. Em relação aos conteúdos de Geografia, os alunos discorreram em torno da dificuldade em apreender esses conteúdos, onde muitos falaram que a dificuldade estava no fato da disciplina ser muito teórica, enquanto outros afirmaram ser uma dificuldade pessoal de concentração, não gostarem da disciplina, o fato de não conseguirem interpretar o

que é ensinado. Outros apontaram ainda ter déficit de aprendizagem em cartografia, não conseguindo interpretar os mapas. E alguns dos entrevistados afirmaram não possuir nenhuma dificuldade nos conteúdos geográficos.

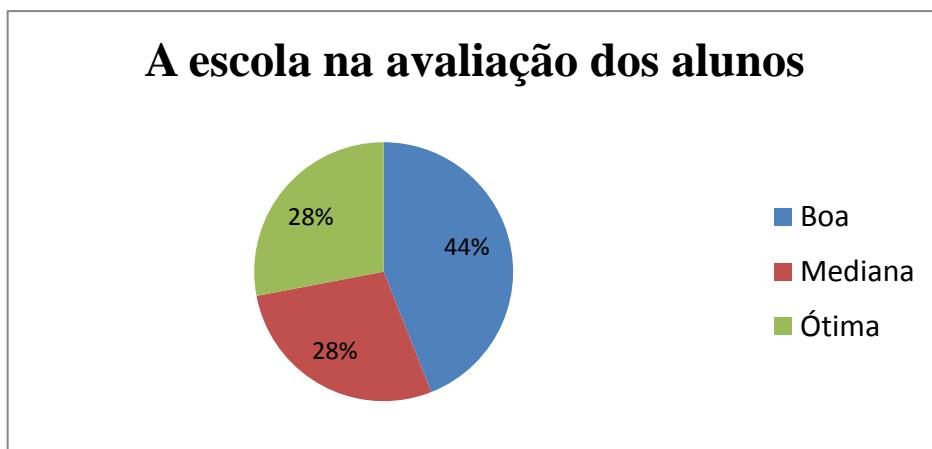


Figura 2: Gráfico de distribuição das respostas dos alunos para o segundo item do questionário. Fonte: pesquisa de campo dos autores.

5.2.2 Segundo Questionário

Em outro momento, houve a aplicação de um segundo questionário com o qual se procurava entender como os alunos viam a estética da cidade, fazendo com que os mesmos pudessem sair do comodismo de reflexões prontas e possibilitando o exercício da pesquisa, além de conter questões que refletiam em torno de sua formação e área de atuação. Como resultado deste questionário, pontuamos os relatos que versam sobre a experiência proveitosa de se observar a cidade com outro olhar. Exemplo: “Foi surpreendente, como há grande quantidade de locais relacionados à estética e que não percebia. Quando notei, prestei atenção que há mais indústrias ao redor do meu colégio e mais salões ao redor da minha casa” (DBCG, 15 anos).

Em relação ao campo de atuação profissional após o término do curso, a maior parte dos alunos afirmou que gostaria de atuar em clínicas ou consultorias independentes, enquanto os demais se dividem em vários outros campos ou ainda não definiram em qual pretendem atuar profissionalmente (Figura 3).

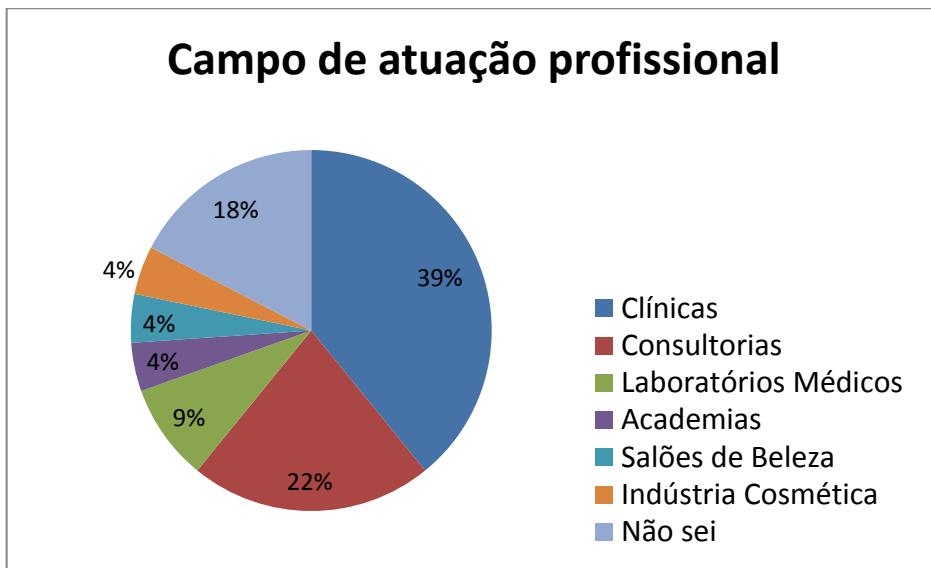


Figura 3: Respostas dos alunos entrevistados quanto ao campo de atuação profissional em que pretendem trabalhar após conclusão do curso técnico de Estética. Fonte: pesquisa de campo dos autores.

5.3 A Prática unindo geografia e o curso de Estética

A proposta didática para uma intervenção nas aulas de geografia do 1º ano do curso de Estética buscou proporcionar debate e reflexão sobre a formação dos discursos, a importância de se compreender os processos e os padrões de beleza, tentando-se criar coletivamente um “conceito” de “belo” para, em seguida, colocar o discurso do belo em relação à paisagem urbana e aos estereótipos que criam pré-conceitos muitas vezes imperceptíveis e cruéis. A partir disso, se propunha um novo modo de olhar o espaço, tendo consciência dos processos que o reproduzem, sempre querendo saber o por quê das “coisas”. Para isso, foi realizado uma apresentação expositiva acerca destes assuntos com conhecimentos do cotidiano vistos por um olhar geográfico, com o fim de gerar um reconhecimento e uma “afinidade” pelo assunto. A exposição e o debate duraram cerca de 1 hora e 40 minutos e foram utilizados um projetor, um notebook e slides.

No primeiro momento foi tratado da formação do discurso que será considerado aqui como:

Um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1986, p. 43)

Para exemplificar como se forma um discurso, foi utilizado um exemplo bastante conhecido no meio geográfico e em outras áreas das ciências humanas e sociais, o

determinismo geográfico proposto por Friedrich Ratzel, que influenciou no discurso de Adolf Hitler durante os anos da Alemanha nazista. Deste modo, podemos observar como um discurso científico se materializou e deu suporte (teórico/científico) a um dos regimes de governo mais crueis da história humana. Nesta parte da exposição existiram diversas dúvidas que foram aos poucos sendo esclarecidas, até que em determinado momento alguns estudantes já conseguiam ver outras formas de materialização dos discursos, fazendo suas conexões e gerando seus próprios exemplos.

Posteriormente, foi explicada a importância de compreender os processos que rodeiam a nossa vivência e que se dão de maneiras imperceptíveis aos olhos menos atentos. Explicou-se que, para que haja uma compreensão mais completa, é necessário analisar o processo como um todo e compreender cada um de seus fatores e não somente o resultado final. Para isso utilizou-se o exemplo abaixo (Figura 4):

ENTENDENDO PROCESSOS

$2 + 2 = 4$	$2 + 3 = 5$
$2 \times 2 = 4$	$2 \times 3 = 6$

NEM SEMPRE FATORES IGUAIS GERAM RESULTADOS IGUAIS

Figura 4: Exemplo matemático utilizado para explicar relações diferentes entre fatores, processos e resultados.

Este simples exemplo matemático tem demonstrado claramente como diferentes processos podem ao mesmo tempo gerar resultados iguais, em determinado momento, e diferentes em outros. Na coluna da esquerda ($2+2=4$ e $2\times 2=4$) podemos perceber que dois processos diferentes (primeiro adição e segundo multiplicação) com fatores iguais podem gerar o mesmo resultado. No entanto, na coluna da direita, percebemos que dois processos diferentes com fatores iguais podem gerar, também, resultados diferentes.

Grosso modo, procurou-se demonstrar que a compreensão de um fenômeno (resultado), seja ele a materialização do discurso, a construção de um conceito etc. só pode ser de maneira mais completa a partir da análise de todos os fatores e do processo que o define.

Posteriormente, utilizou-se como forma de aproximar e exemplificar de maneira didática e mais voltada para a geografia um pequeno histórico do processo de formação

territorial do Brasil, que mostram as principais mudanças nas fronteiras do país de 1534 até os dias atuais (Figura 5).

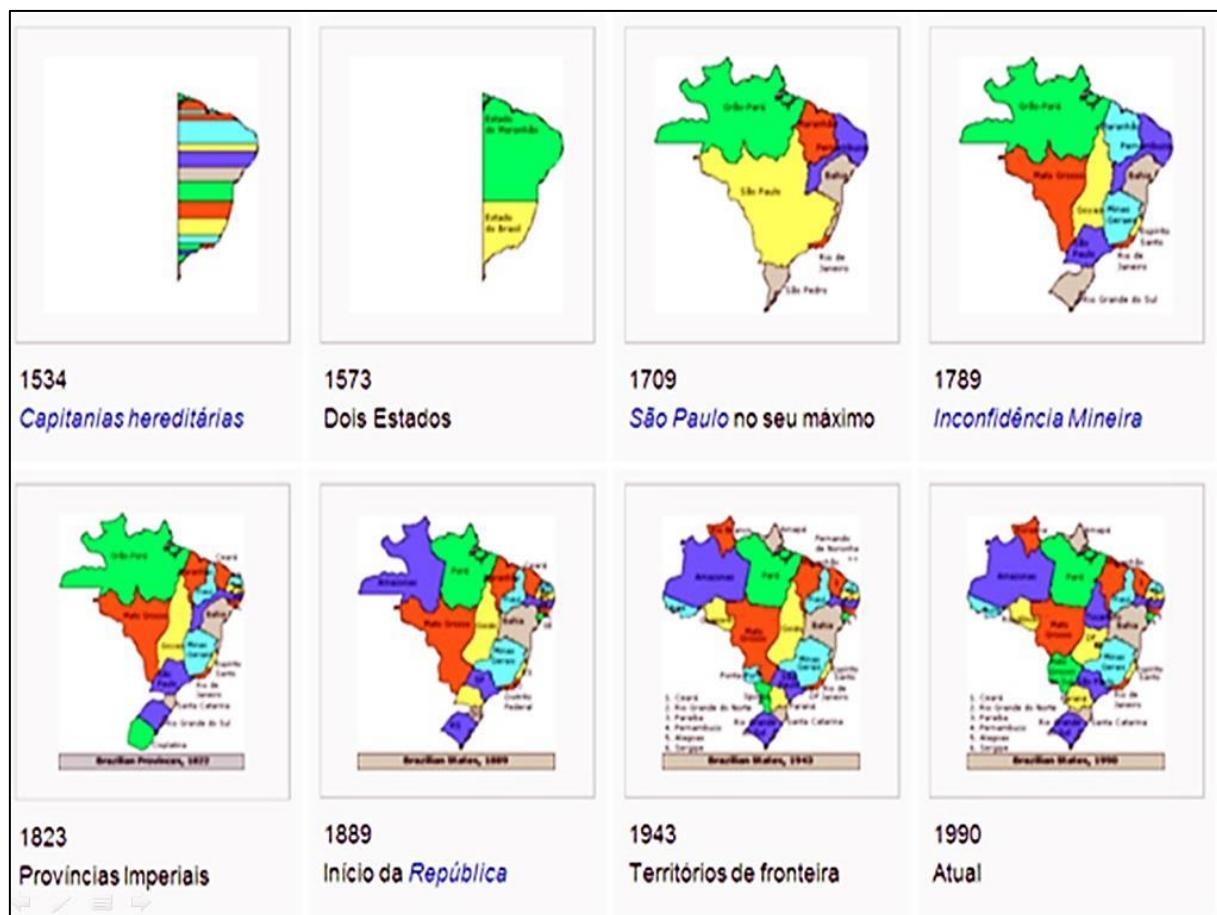


Figura 5: Mapas representando o processo de formação territorial do Brasil no período de 1534 e 1990. Fonte: Google.

No terceiro momento, discutiram-se também os padrões de beleza e tentou-se criar em conjunto um “conceito” de “belo”. Se em um primeiro momento perguntássemos: o que é o padrão de beleza? Se não houvesse uma reflexão crítica possivelmente as respostas mais ouvidas seriam: “o que as pessoas acham bonito”, “o que a sociedade representa como um ideal” ou até mesmo “é a representação da beleza, o contrário do feio”.

Esta pergunta foi feita em sala de aula e as respostas foram das mais variadas, mas sua maioria não fugia à lógica acima apresentada. Apenas uma resposta no meio da turma de alunos se diferenciou: “é o que a mídia diz que é bonito” afirmou uma aluna sentada na segunda fileira de cadeiras. A partir dessa constatação, que adiciona um fator à análise (a

mídia) deu-se continuidade à discussão, agora voltada para o poder da mídia de “gerar” padrões.

Tentou-se explicar que a formação de um padrão de beleza nada mais é do que a manifestação de uma ideologia que reproduz o estado capitalista, o qual se utiliza de aparelhos ideológicos para se reproduzir. Segundo Althusser (1970), a ideologia é constituída por aquelas crenças que nos levam a aceitar as estruturas sociais (capitalistas) existentes como boas e desejáveis. Esta ideologia pode ser disseminada de diversas maneiras. O autor coloca a escola como um aparelho ideológico a serviço do capital, no entanto existem outros meios de comunicação e que reproduzem as estruturas sociais, dentre elas os padrões, e que em um primeiro momento podem parecer normais, mas que após uma reflexão crítica apresentam-se como autoritárias e cruéis.

Seguindo esta linha de raciocínio, propomos uma dinâmica onde alguns minutos foram colocados à disposição de quem desejasse descrever qual o seu padrão de beleza (sem distinção de gênero). Cerca de sete pessoas descreveram seus conceitos de como seria um ser humano belo e todos formaram figuras bem diferentes umas das outras. Assim, foi possível gerar uma reflexão sobre o quanto é subjetivo o “belo” e que definitivamente o padrão que nos é imposto pela mídia ou pela sociedade não representa a diversidade que caracteriza a espécie humana.

Sendo o belo relativo e cada um tendo uma percepção diferenciada. Tais percepções foram focadas em diferentes espaços para confrontar ainda mais os pré-conceitos aprendidos na sociedade. Assim, utilizaram-se as imagens de diferentes paisagens urbanas a fim de desconstruir estereótipos e retornar um pouco ao exercício de compreensão do espaço geográfico.

Nas imagens abaixo (Figura 6) podemos observar dois cemitérios, estes são espaços destinados aos mortos, mas em culturas diferentes têm usos e significados diferentes. Se aqui no Brasil eles são classificados como lugares de medo e repulsão, no México, os mesmos são locais de festeiros e atração de pessoas. Assim, tentou-se passar que a cultura influencia grandemente na compreensão do espaço e na sua qualificação quanto a belo ou feio.



Figura 6: Duas imagens de cemitério exemplificando a influência da cultura no espaço.
Fonte: Google Imagens.

Nestas outras imagens (Figura 7), temos o mesmo bairro, Cumbuco, da cidade de Caucaia (onde moram a maioria dos alunos) visto por ângulos diferentes. No primeiro quadro (esquerda) temos uma parte da vila de pescadores e no segundo quadro (direita) temos uma foto da praia conhecida mundialmente.



Figura 7: diferentes paisagens dentro de um mesmo bairro. Fonte: Google Imagens

Quando perguntados qual o bairro mais bonito de Caucaia os alunos responderam, em sua maioria, o Cumbuco. No entanto, a foto da esquerda foi mostrada em primeiro e levantou-se o questionamento: esse é o Cumbuco? Essa parte é bonita? As respostas foram respectivamente “sim” e “não”. Mesmo dizendo que o Cumbuco era o bairro mais belo de Caucaia, ao ser mostrada uma realidade que poucos vêem, o mesmo bairro se torna feio. Posteriormente, mostrou-se a imagem da praia (a outra face do Cumbuco) e ao serem perguntadas se era bonito aquele espaço as respostas foram sonoros “sins”.

O mais interessante foi depois da apresentação das duas imagens, quando perguntou-se quem morava no bairro em questão e três alunas levantaram a mão. Perguntamos onde se localizavam suas casas naquele bairro e elas responderam que era naquela vila de pescadores apresentada na primeira imagem.

Deste modo, foi a partir da contrariedade da fala dos próprios alunos que nos aproximamos da conclusão quando percebemos que “a produção do espaço se insere na lógica da produção capitalista que transforma toda a produção em mercadoria.” (CARLOS; SOUZA; SPOSITO, 2011). Nesta lógica, até nossa habitação pela qual nutrimos um sentimento de pertencimento perde relevância estética e simbólica frente a espaços produzidos pelo e para o mercado.

Esta ‘mercadorização’ provoca rebatimentos não só sobre o espaço, mas também sobre o corpo, o gosto, as vontades e as percepções dos sujeitos. Deste modo, é necessário expandir a nossa compreensão dos processos que produzem e reproduzem as relações sociais capitalistas com o fim de não sermos meros reprodutores de um sistema que impõem a ideologia de uma classe dominante, sem reconhecer as culturas e os valores dos outros grupos que em conjunto compõem a sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizar o ensino e a escola perpassa por entender todos os movimentos inerentes aos sujeitos que compõem a estrutura da escola, que servem de meio para que agentes ativos possam contribuir no processo. Desta forma, a escola na tentativa de adentrar em um viés crítico de análise, acabou por se perder no caminho e continua perpetuando o modelo tal qual foi criada. Os alunos, por sua vez, diante desta posição enxergam a escola como um espaço vazio de identidade e, assim, perpetuam a ideia de escola enfadonha, que na prática os conhecimentos repassados não abarcam a complexidade da realidade vivida.

Dentro deste contexto surge o professor de geografia, que assim como os demais, vivencia a desvalorização social, salarial e profissional, fato que dentro do âmbito das escolas prejudica em demasia o exercício efetivo da profissão, mas ressaltamos neste trabalho que o profissional mesmo com todos esses empecilhos não deve esquecer-se de sua função, pois este está formando cidadãos para a nossa sociedade.

O professor, dentro de sua competência profissional, deve propor novas formas de lidar com as barreiras, ser criativo e ousado, pois se o mesmo se deixar levar pelas intempéries encontradas no caminho, este não conseguirá sequer se perceber enquanto um

agente importantíssimo na formação social, fato este percebido no estágio, onde encontramos um profissional que tenta de todas as formas inserir seus alunos em um ensino de qualidade e dinâmico.

THE INTEGRATED MIDDLE SCHOOL PROFESSIONAL: REFLECTIONS ON THE ROLE OF GEOGRAPHY AND ITS RELATIONSHIP WITH THE COURSE OF AESTHETICS

This report deals with the secondary professional education and the space dedicated to the discipline Geography in this modality of education, presenting an experience of internship with research in the Esthetics course at a State School of Professional Education, located in the city of Fortaleza – CE (Brazil). In the work we do a retrospective of the history of professional education, aiming from the beginning until the same win the current structure. We also identify the characteristics of integrated secondary education, which aims to train students for the world of work and also to enter higher education. We note that this modality of education follows the perspective of the current economic system, acting in accordance with established purposes. We emphasize that the school model is configured as positive, both in quantitative and qualitative terms. The teaching of Geography is linked to a traditional perspective, but we point out that it has a dynamicity and that causes interest in students, despite the difficulty in assimilation. Based on these assumptions, we referred an intervention activity that went through the union of the discussions in the field of aesthetics and how this was inserted in the geographical discussion. Working with the students the notion of beauty, which for them was ugly and beautiful, relating this perspective with the current economic system. In this way we can infer that in fact the students realized that geography can join discussions that are pertinent to the course of aesthetics, in addition to enabling dialogue, action verified from the heated discussions and pronouncement of people who in the usual classes did not dialogue .

Keywords: Professional Education. High school. Geography and Aesthetics. Formation. Perceptions.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **A ideologia e os aparelhos ideológicos do estado.** Lisboa: Presença, 1970.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- LIMA, M. S. L. **Estágio e aprendizagem da profissão docente.** Brasília: Liber Livro, 2012.
- PASSINI, E. Y. **Prática de Geografia e Estágio Supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2010.

- PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estagio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2009.
- PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. L; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3^a ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- SANTOS, M. F. R. O Ensino Médio Integrado: o espaço da geografia nessa modalidade de ensino. In: Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação – CONNPI, VII. Instituto Federal do Tocantins, 18 a 21 de outubro de 2012. *Anais...* Palmas-TO, 2012, n.p. Disponível em: <<http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/4804/2078>>. Acessado em: 02/12/15.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 6^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Autêntica Editora, 1999.
- CARLOS, Ana Fani A.; SOUZA, Marcelo L. de; SPOSITO, Maria E. B. **A produção do espaço urbano:** agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

Recebido em 01/02/2017.
Aceito em 28/01/18.